



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA EDUARDA DE CARLOS SILVA

**ARTE, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: O movimento CapoeiraVogue como
ferramenta pedagógica emancipatória**

Brasília
2025

MARIA EDUARDA DE CARLOS SILVA

**ARTE, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: O movimento CapoeiraVogue como
ferramenta pedagógica emancipatória**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade de
Brasília como requisito parcial para obtenção do
título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende
Silva

Brasília
2025

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIA EDUARDA DE CARLOS SILVA

**ARTE, ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA: O movimento CapoeiraVogue como
ferramenta pedagógica emancipatória**

Trabalho apresentado à Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília - UnB,
como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva
TEF/FE/UnB - Orientadora

Profª. Dra. Renata Silva Almendra
MTC/FE/UnB - Examinadora

Profª. Dra. Simone Aparecida Lisniowski
TEF/FE/UnB - Examinadora

Profª. Dra. Maria da Conceição da Silva Freitas
TEF/FE/UnB - Suplente

Brasília, 03 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meus anjos da guarda e os Orixás que me abençoam, me protegem e me garantem abundância e prosperidade.

Aos professores de toda a minha vida e minha professora preferida, minha mãe, Rita, que me me ensina além do que posso expressar, motivo do meu saber amar e da minha paixão pela educação.

Aos meus amigos que acreditam nos meus sonhos e são um alicerce na caminhada, amo vocês!

Aos passarinhos que cantam todas as manhãs na minha janela me lembrando que todo dia tenho um começo novo e uma nova oportunidade para aprender e ensinar.

Ao meu pai *In memoriam* que me ensinou a ter orgulho de quem eu sou e ter coragem de me propor ser.

Quilombo

Quilombo é palavra Exu que vem do Bantu
E se faz mecanismo de sobrevivência,
Metodologia ancestral para preservação de vidas.

É a abertura de caminhos,
Antes desenhados em tranças nos Orís de quem já passou por aqui.
É vela acesa, arruda na orelha, é reza braba,
Banho de ervas maceradas, é ponto riscado,
É padê arriado, é toque de atabaque
Em terreiros e quintais de terras férteis e avermelhadas.

Vermelhas como o sangue que corre em nossas veias,
Outrora escorrem em becos e avenidas,
Mas pulsam a possibilidade de existir
Sem que confundam guarda-chuva com fuzil.

É não esperar que 80 tiros possam atravessar
Um carro retinto, repleto de tanta melanina dentro,
Mas visto como suspeito pelo olhar
De quem já quis pintar tudo de branco.

É não ter nenhuma Bernadete a menos,
Após ter sua pele preta sendo alvo
Em frente às crias de suas crias,
Apenas por cultuar o que para si era sagrado.

É um lembrete diário que Marcelo escreveu para não esquecermos:
“Todo camburão tem um pouco de navio negreiro.”

É acreditar que no amanhã haverá horizontes possíveis,
Que crianças pretas possam sonhar e voar alto,
Sem medo de cair como Ícaro ou morrer como Ismália.

É criar possibilidade para que meninas pretas possam ver suas bonecas,
Meninos pretos possam conhecer a textura dos fios

De seus emaranhados cabelos e vê-los crescendo,
Como crescem as raízes de uma árvore,
Dentro das inúmeras possibilidades de ser algo.

Quilombo são vozes ancestrais ecoando
Como ponto de macumba em seus ouvidos,
Dizendo:

Quilombo é resistência para poder existir,
Extinguindo os chicotes que modernizam-se junto ao tempo.

Não haverá uma a menos,
Pois cada Quilombo que abre,
É uma senzala que fecha.

Repita, em voz alta:
Cada Quilombo que abre, é uma senzala que fecha

APÊAGÁ (2024)

MEMORIAL

O que me trouxe aqui

Sou brasiliense, apaixonada pelo cerrado, pelo mar, pelas montanhas de Minas Gerais, sigo em busca de novas paixões a serem descobertas e vejo a arte como um universo onde encontro possibilidades de me apaixonar.

Filha de pai mineiro, que me ensinou a arte de viver como um caipira, e mãe baiana, que me mostra a beleza de ensinar todos os dias. É raso falar de mim sem falar da minha família, e de como eles me inspiram a ser quem eu sou e ter coragem de conhecer lugares, pessoas e culturas ainda desconhecidos. Sou mais uma em uma família gigante, são quatorze tios e tias de parte de mãe e nove de parte de pai, já os primos e primas, perdi as contas. Meus avós tiveram um trabalho árduo na educação dos seus filhos, e eles têm em comum o amor acima de tudo. De fato, o que faz a família Carlos e a família Silva se manterem unidas e funcionarem como família foi o amoroso esforço cultivado pelos meus ancestrais.

Meu espaço familiar sempre foi um lugar de conforto e segurança, onde pude demonstrar meus interesses e aprender com os meus. Recebo muito amor, apoio e influências em toda minha criação, tenho exemplos de vida e principalmente de mulheres fortes, corajosas e amorosas que me inspiram a ser quem eu sou e a buscar uma versão melhor de mim.

A arte entra na minha vida desde meu nascimento, sempre fui cercada de artistas e obras de arte que contam minha história e da minha família. Minha avó Alisse, mãe da minha mãe, foi a costureira mais talentosa que já tive o prazer de ver. Baiana, analfabeta, mãe de 15 filhos, dona Alisse se expressava por meio da costura, por meio dos seus costumes e saberes ancestrais como seus chás e receitas de cura. Apesar de não ter sido escolarizada, sempre deu muito valor à educação e teve o prazer de presenciar seus filhos e netos se formarem como dentistas, professoras, médicos, advogados, entre outras profissões. Já minha outra avó, dona Lucilia, foi uma cantora singular. Costumava cantar na igreja, lugar onde também trabalhava, cultuava sua fé e aprendia e ensinava sobre o amor de Cristo. Também cheia de saberes ancestrais, perpetuou pela família sua paixão pela música, nossos encontros eram movidos por diversos tipos de canções, desde o sertanejo raiz, The Beatles, músicas brasileiras como as do Roberto Carlos e, suas preferidas, os boleros.

Estar nesse ambiente me capacitou a ter um olhar mais sensível às belezas do mundo que sou inserida, me faz reparar nas simplicidades e, também, saber que são elas que dão o tom, movimento e a cor das coisas. São nos encontros e na simplicidade das conversas em

que a arte e a ancestralidade se mostram fundamentais para a criação de quem somos e de como nos relacionamos com o mundo e com aqueles que amamos.

Ainda que meu encontro com a arte tenha essa relação de ancestralidade, considero que minha entrada na Universidade de Brasília, em 2019, foi uma virada de chave para saber nomear aquilo que me encanta, me trazer questionamentos e me fazer repensar o mundo em minha volta.

Com as oportunidades de discussões presentes dentro do espaço universitário, percebi a pluralidade de cosmovisões existentes na minha realidade e me abri para experimentações. Comecei a expandir os conceitos de certo e errado, sagrado e profano, belo e feio e entender que essa lógica binária, em que as coisas são colocadas em oposição, onde uma existe, automaticamente, a outra está extinta, não necessariamente é uma verdade universal. O processo de enxergar uma lógica na qual duas coisas que são diferentes não se opõem, mas se complementam, veio por meio da descoberta que meu corpo e mente não se opõem, mas são uma unidade.

Durante a escolarização tradicional, ocorreu comigo uma prática comum nas escolas atuais, que é a separação do corpo e da mente de maneira binária, como se as crianças em certa idade não se expressassem mais com seu corpo e as brincadeiras, movimentos corporais dão lugar aos conteúdos e essas responsabilidades escolares tomam o protagonismo.

Em 2021, aos 20 anos, comecei a fazer aulas de circo e minha professora combatia esse imaginário. Então, em suas aulas costumávamos integrar o processo físico do treinamento com o nosso desenvolvimento mental, discutindo bloqueios, traumas e origens o que nos permitia desbloquear também o nosso corpo. Dara Audazi, essa professora, foi essencial na amplificação da minha visão sobre corpo e mente, o que foi crucial para que eu conseguisse perceber outras formas de comportamento, vida, cultura e arte. Posso dizer que dentro desse espaço fui capaz de começar um processo de decolonização interno, processo esse que é algo em construção, que é fluido e que me permite criticar aquilo que foi dado a mim como verdade universal.

Sendo atravessada por essas questões, enquanto estudo sobre educação no curso de Pedagogia na UnB, e me desafio a conhecer novas cosmologias e culturas, me vejo inquieta para falar sobre o que descobri e sobretudo o que ainda pode ser descoberto. A arte e a ancestralidade são ferramentas que nos permitem conhecer outras realidades e nos convida a ter essa percepção de relação dialética, onde as culturas podem coexistir e se complementar fazendo contraponto a uma lógica colonial.

Conhecer novas cosmovisões e se relacionar com o novo de maneira respeitosa faz parte da proposta de uma educação emancipatória, que também é um processo contínuo. Percebo que uma das principais influências que a Pedagogia me trouxe é a perspectiva de educar emancipando por meio de uma educação integral, que envolve processos artísticos, de movimento, assuntos políticos e sociais. Esse é um recorte do que venho descobrindo, estudando e percebendo enquanto sigo criando relações e entendo meu lugar no mundo.

RESUMO

Este estudo apresenta a CapoeiraVogue como um dispositivo de emancipação social e cultural, analisando sua transversalidade entre tradições ancestrais e inovações contemporâneas. A partir de pesquisas bibliográficas e de campo, identifica-se esse movimento cultural como ferramenta pedagógica na ruptura de ideais colonizadores, ao integrar arte e ancestralidade. O foco recai sobre o Coletivo Capoeira para Todes, que combina capoeira e cultura *Ballroom*, promovendo o protagonismo de pessoas trans e travestis em espaços de acolhimento e reparação histórica. A análise ressalta a importância de práticas educativas decoloniais para transformar realidades sociais, valorizando saberes marginalizados. Nesse sentido, a CapoeiraVogue se destaca como manifestação cultural que cria espaços de resistência, conectando ancestralidade e modernidade em direção à emancipação.

Palavras-chaves: Educação emancipatória, CapoeiraVogue, Ancestralidade, Movimentos culturais, Práticas educativas decoloniais.

ABSTRACT

This study presents CapoeiraVogue as a device for social and cultural emancipation, analyzing its intersection between ancestral traditions and contemporary innovations. Through bibliographic and field research, this cultural movement is identified as a pedagogical tool for breaking colonizing ideals by integrating art and ancestry. The focus is on the "Coletivo Capoeira para Todes," which combines capoeira and Ballroom culture, promoting the leadership of trans and travesti individuals in spaces of inclusion and historical reparations. The analysis highlights the importance of decolonial educational practices in transforming social realities and valuing marginalized knowledge. In this context, CapoeiraVogue stands out as a cultural manifestation that creates spaces of resistance, bridging ancestry and modernity toward emancipation.

Keywords: Emancipatory education, CapoeiraVogue, Ancestry, Cultural movements, Decolonial educational practices.

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	6
RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
1. INTRODUÇÃO: O que me move.....	13
2. METODOLOGIA: Caminhos e vivências.....	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO: De que ponto partir?.....	17
3.1 Mas, afinal, o que seria a “Colonialidade” ?	17
3.2 Arte e cultura para uma educação emancipatória.....	19
4. FERRAMENTAS EMANCIPATÓRIAS.....	22
4.1 As origens e motivações dos movimentos.....	22
4.2 O Coletivo e os artistas.....	25
4.3 Confluindo ideias: Reescrevendo em vida histórias que estão escritas para a morte...29	
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE.....	39

1. INTRODUÇÃO: O que me move

Ao refletir minha trajetória na graduação no campo da educação, percebo a importância de educar pela decolonialidade em busca de caminhos de emancipação e libertação de corpos e ideias.

Este estudo se insere no campo das investigações sobre novos paradigmas em educação, reflete acerca da racialização e transfobia no contexto da educação. A pesquisa analisou como ferramentas pedagógicas podem contribuir para o desenvolvimento de abordagens decoloniais e emancipatórias. Para tanto, elegeu como objeto de estudo a prática da CapoeiraVogue desenvolvida pelo Coletivo Capoeira para Todes.

Desta feita, o estudo teve como objetivo geral apresentar as características da CapoeiraVogue como uma ferramenta pedagógica de emancipação, mais especificamente, explorando como esta prática articula tradições e inovações para promover a emancipação social e cultural.

Uma ferramenta pedagógica pode ser definida como um recurso estratégico que facilita a assimilação de conteúdos, são elementos mediadores no processo de apropriação do conhecimento. Wyzykowski e Frison (2020) definem as ferramentas como “potencial de facilitar a significação conceitual e também contribuir para a constituição humana de alunos e professores” (p. 261), além disso, entendem que elas “precisam ser diversificadas e inseridas nos espaços educativos de modo contextual, relacionando-se com a vida dos sujeitos” (p.261).

A educação pode se dar de várias formas e em vários espaços, capaz de produzir trabalhos educativos plurais. De acordo com Saviani (1991), o trabalho educativo consiste em um ato, direto e intencional, de produção em cada indivíduo daquilo que historicamente e socialmente se construiu como humanidade. Desse modo, a tarefa educativa é a humanização de cada indivíduo singular com base na identificação dos elementos do que tem sido acumulado até hoje em termos de conhecimento, valores e cultura. O trabalho educativo seleciona entre esses elementos aqueles que devem ser assimilados e decide sobre os meios mais adequados para que esse objetivo seja alcançado.

Educar de maneira que seja promovida a emancipação passa pelo respeito aos indivíduos e às suas escolhas. É um processo educativo que está para além da educação prevista em leis e currículos, trata-se de um educar com o olhar para o corpo, a mente, as intencionalidades e as identidades de cada sujeito, um caminho que, nas abordagens decoloniais, passa pela ancestralidade e criação de caminhos de resistência. De acordo com Damascena (2020), é necessário:

Reivindicar uma formação que permita atravessar as pontes do conhecimento no tempo presente para ressignificar o futuro, fornece aos sujeitos sociais autonomia na sua trajetória, reconhecendo-se como protagonista do seu fazer. (Damascena 2020, p.79)

Sob a ótica da Lei 10.639/03, que busca a promoção de uma educação mais inclusiva e respeitosa ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, entende-se a preocupação de existir uma educação onde a história do Brasil seja apresentada em uma perspectiva plural. É necessário pensar em ferramentas pedagógicas que sejam alicerces para o cumprimento dessa norma e tenham a capacidade de alcançar as realidades e serem inclusivas àqueles que são marginalizados no meio social.

O trabalho educativo voltado à emancipação humana ocorre em outros espaços, não somente na escola. Nessa perspectiva, movimentos sociais são ambientes de conquistas no campo da inclusão e dos direitos humanos, uma vez que se colocam como locais de acolhimento que buscam emancipar e construir uma sociedade crítica capaz de lutar pelos seus direitos.

A educação emancipatória e decolonial surge como prática que promove o desenvolvimento de uma reflexão crítica, baseando-se nas culturas e nos costumes que foram historicamente marginalizados. Esse processo envolve a reconstrução sobre os territórios do corpo e suas conexões. Para isso, é essencial gerar novos conhecimentos que desafiem as produções e tendências acadêmicas predominantes.

Com base nessa compreensão, este trabalho parte do pressuposto que movimentos e coletivos culturais que usam da arte e da ancestralidade são potenciais ferramentas pedagógicas de ruptura de ideais colonizadores, podendo funcionar como dispositivos de emancipação no processo educativo.

É nesse caminho que este trabalho se volta para reflexão sobre a manifestação cultural artística CapoeiraVogue, que acontece dentro do Coletivo Capoeira para Todes, onde foram reunidos a cultura e os saberes da capoeira e da comunidade *Ballroom* e colocam-se pessoas Trans e Travestis em lugar de protagonismo. Criando estratégias de práticas sociais e movimentos de reparação histórica por meio de apresentações, vivências e acolhimento da comunidade ¹LGBTQIAPN+ na cultura da Capoeira.

¹ LGBTQIAPN+: Sigla que representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, incluindo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e pessoas Não binárias, além de outras identidades e orientações que não estão explicitamente mencionadas, mas são contempladas pelo sinal "+".

A CapoeiraVogue é a junção da luta ancestral criada pelos negros africanos e um estilo de dança característico das festas chamadas "*Ballrooms*" (bailes) no Harlem, em Nova York, protagonizadas por afro-americanos no início dos anos 1970.

De acordo com essas expressões artísticas é possível observar manifestações ancestrais sendo atravessadas por influências da arte e cultura contemporânea. Ao longo deste texto, serão expostas perspectivas e motivações dos criadores e diretores do Coletivo onde a ancestralidade é tratada como vínculo central nas produções e expressões criadas pelo grupo.

A importância do respeito daquilo que veio antes e formou espaços de resistência é sempre lembrada nas produções do Coletivo. Como no discurso da Quântica - uma das diretoras do Coletivo - no evento realizado no Sesc em São Paulo em agosto de 2024.

Essa performance apresenta a conexão com o passado, através da maestria de pessoas com mais idade, pessoas no qual somos afastadas quando nos assumimos pessoas LGBT, nós somos rejeitadas e afastadas da nossa família e perdemos a nossa história, a nossa ancestralidade e o nosso poder e começamos a funcionar a partir do sistema, a partir de coisas que são colocadas para controlar, padronizar e impedir que a gente acesse o nosso potencial máximo. E através da Puma Camillê, que representa a comunidade *Ballroom* e LGBT, nós manifestamos essa conexão, essas imagens são uma grande mandinga. E quando nós temos o nosso passado, as pessoas de mais idade, se unindo as pessoas da comunidade *Ballroom*, nós temos o Capoeira e Vogue. Novas possibilidades de existência no aqui e no agora. Onde voltamos e sentamos na mesa com a nossa família, onde somos recebidos, amados e respeitados por quem nós somos e manifestamos novas possibilidades. Então, essa é a manifestação do futuro aqui e agora! (Quântica, 2024)

Essa fala é potente ao expressar como a ancestralidade pode ser resgatada e ressignificada por meio da coletividade. Ela evidencia a dor do rompimento familiar imposto a muitas pessoas LGBTQIAPN+, mas também aponta para a possibilidade de reconstrução desse laço através de espaços culturais e comunitários, como a CapoeiraVogue. O reconhecimento da sabedoria das pessoas mais velhas e a conexão com a ancestralidade são aspectos essenciais para a construção de um futuro mais inclusivo, onde a educação respeite todas as histórias e valorize a diversidade de experiências. Essa manifestação do futuro no presente, como destaca a citação, rompe com a lógica da exclusão e cria novas possibilidades de existência, onde o respeito e a aceitação se tornam pilares fundamentais de uma educação verdadeiramente emancipatória.

Para realização deste estudo, foram conjugadas pesquisas bibliográficas e de campo. Ao longo deste texto serão usados discursos recolhidos no período da pesquisa de campo, essas falas são poderosas por captarem motivações e a realidade de pessoas que, por meio dessa manifestação cultural, encontram seu espaço e ressignificam sua existência, e agora

constroem um futuro que escolhe o acolhimento como uma forma de valorizar saberes ancestrais com confluência de novas tecnologias.

Este trabalho está organizado de forma a conduzir o leitor por um percurso reflexivo e fundamentado. A metodologia apresenta os caminhos percorridos e as vivências que estruturaram a pesquisa, destacando os métodos adotados. No referencial teórico, são discutidos os conceitos e fundamentos dessa análise. A seção ferramentas emancipatórias está dividida em três partes: a primeira aborda as origens e motivações dos movimentos culturais investigados, a capoeira e a *Ballroom*; a segunda explora as ações do Coletivo Capoeira para Todes e o protagonismo de seus artistas; e a terceira reflete sobre como essas práticas reescrevem narrativas de exclusão. O trabalho se encerra com as considerações finais, que sintetizam as principais contribuições do estudo, seguidas das referências, que reúnem as fontes consultadas, e do apêndice, que inclui a entrevista semiestruturada.

2. METODOLOGIA: Caminhos e vivências

A investigação sobre como movimentos e coletivos culturais que utilizam arte e ancestralidade podem atuar como ferramentas pedagógicas na ruptura de ideais colonizadores e como dispositivos de emancipação educacional seguiu um percurso fundamentado em pesquisa bibliográfica e de campo. Este estudo reflete sobre as características da CapoeiraVogue como um dispositivo de emancipação buscando um processo educacional inclusivo e transformador.

Esta pesquisa qualitativa, está de acordo com o que diz Godoy (1995, p. 62) “os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente social”.

O primeiro passo para apropriação do tema foi por meio de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Fonseca (2002, p. 32), a pesquisa bibliográfica “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”.

Foram utilizados dois bancos de dados: Google Acadêmico e a Scientific Electronic Library Online (SciELO), com a utilização de palavras chaves como “educação e emancipação”, “educação antirracista”, “ancestralidade e educação”, “educação emancipatória” e “educação decolonial”. Dos artigos encontrados, foram selecionados aqueles em que os autores iam ao encontro da ideia de que a educação decolonial e antirracista pode acontecer com base na ancestralidade e são formas de emancipar o indivíduo.

O contato inicial com o movimento cultural da Capoeira Vogue ocorreu por meio das redes sociais. Através do Instagram, foi identificado o perfil de um dos diretores do Coletivo Capoeira para Todes. Foi realizada uma entrevista semiestruturada online com esse diretor, complementada pela observação direta de vivências organizadas pelo Coletivo: um sarau e uma *Ballroom* realizadas em São Paulo, em agosto de 2024 .

A opção pela entrevista semiestruturada se deu em função de essa técnica possibilitar uma interação entre entrevistador-entrevistado, em que é permitido que haja um diálogo direcionado, porém com liberdade para elaboração de acordo com as percepções do indivíduo.

Deste modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante.(Fraser; Gondim, 2004, p. 140).

As perguntas da entrevista foram formuladas com o propósito de conhecer a história da CapoeiraVogue, entender as motivações dos artistas e as influências que a arte e a ancestralidade tem nos trabalhos realizados dentro do Coletivo. A entrevista foi feita de forma online e gravada, assim, durante a escrita do trabalho as falas foram revisitadas e usadas como referências.

A observação das vivências ocorreu de forma não estruturada, tendo sido registrada em vídeos, conversas, fotos e anotações. A observação é um recurso metodológico que faz uso dos sentidos para captação de aspectos da realidade observada. O caráter sensorial desse tipo de investigação, além das falas, gestos e comportamentos, permite o envolvimento com as sensações e manifestações emocionais da audiência e daqueles que realizam suas performances, em uma aproximação com as perspectivas dos sujeitos.

O envolvimento durante as observações se deu como integrante da plateia de dois eventos que ocorreram em agosto de 2024. Um Sarau e uma *Ballroom* organizados pelo Coletivo Capoeira para Todes em conjunto com a organização do III Encontro de Capoeiristas LGBTQIAPN+. Durante o fim de semana aconteceram apresentações e discursos que enfatizavam a importância de promover espaços que valorizem a visibilidade trans, respeito à ancestralidade, resistência e o acolhimento de histórias. Os registros realizados foram examinados com a seleção dos elementos mais relevantes para as finalidades deste estudo. As vivências permitiram conhecer as performances artísticas e compreender de maneira mais aprofundada os sentimentos e as dinâmicas compartilhadas nesses espaços de interação cultural e resistência.

3. REFERENCIAL TEÓRICO: De que ponto partir?

Neste espaço serão abordados conceitos importantes para se discutir sobre arte, cultura, ancestralidade e educação em perspectivas decoloniais, antirracistas, e emancipatórias. Em busca de entender a importância da arte e da cultura em processos de emancipação do indivíduo é necessário identificar e analisar as concepções como essas questões atravessam a sociedade e influenciam o modo de pensar e agir das pessoas.

3.1 Mas, afinal, o que seria a “Colonialidade”?

No texto “Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina” (Quijano, 2005) o sociólogo peruano Aníbal Quijano discute sobre como a racialização dos povos tradicionais na América ocorreu e, a partir disso, como a organização capitalista do trabalho e da sociedade coloca todos sob uma perspectiva colonial do poder. Formam-se espaços onde os colonizadores impõem seus modos de vida e crenças, por consequência desvalorizam saberes e costumes do seu diferente.

A indígena Guarani, Geni Nuñez, psicóloga, autora, mestre e doutora pela UFSC, fala no podcast Erōtikós sobre como a lógica colonial se estrutura. Ela traz uma visão ampliada das motivações pelas quais os processos de colonialidade se estabeleceram. Essa lógica se constrói em nome do amor, do bem, do respeito e da fidelidade. Assim, quando esses ideais são desobedecidos, é como se um povo não se respeitasse e, por isso, são tratados como egoístas e perversos. Consequentemente, assume-se que um povo que vive contra uma lógica estabelecida se coloca contra princípios sagrados.

Dessa forma, os colonizadores usam do ódio, da repressão e da estratégia de assumir que a cultura diferente se trata de mitos e folclores e busca exterminar o diferente por meio do racismo. “A colonização ainda não acabou, porque há uma certa repulsa e ódio que vêm muito mediados pela repressão” (Nuñez, 2024). A autora também explicita que os episódios de enfrentamento ainda são semelhantes aos da época colonial e, por isso, há uma necessidade de decolonizar todas as partes do corpo e os espaços presentes no dia a dia.

Tendo em vista a maneira em que o processo colonial acontece, Nuñez entende que para viver a decolonização deve-se assumir que a lógica colonial nos perpassa, e reconhecer que vivemos em uma complexidade em que violências trazidas pela branquitude, como a misoginia e o preconceito religioso, alcançam comunidades tradicionais.

Assumir uma lógica decolonial seria negar essas formas de poder e de controle que foram inseridas na sociedade desde o período colonial na América. Porém, é importante

entender os desafios complexos presentes no caminho e buscar fugir de determinismos geográficos, financeiros e sociais que são impostos pelo capitalismo e pelas visões eurocentradas.

Com a perspectiva de romper com a lógica que é posta como universal, o quilombola Antônio Bispo dos Santos em seu livro “A terra dá, a terra quer” propõe diferentes formas de interação do homem com as cidades e com a natureza, além de tratar das relações humanas e o que é produzido a partir delas.

Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos em território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo do trabalho não é mais o mundo em debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver (dos Santos, 2023, p.52)

Sabendo disso, observa-se uma abertura para que saberes ancestrais presentes nos modos de vida dos povos tradicionais também sejam assumidos como uma forma de vida e educação, abrindo portas para uma visão plural do mundo e dos seus saberes, propondo um olhar ampliado das formas de viver que coexistem.

O colonialismo utiliza uma lógica racializada para implementar seu *modus operandi*. Quijano (2005) observa que o critério de raça surge apenas após o estabelecimento de relações criadas e mantidas pelos povos europeus, nas quais existia uma relação de conquistadores e conquistados. Essas estruturas biológicas foram, então, usadas como justificativa pseudocientífica para essa tomada de poder brutal. "Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista" (Quijano, 2005, p. 119).

O conceito de raça é discutido por muitos pensadores, conforme analisado por Trindade e Pinho (2023). Os autores destacam que estudiosos como Oliver Cox (1948), Arnold Rose (1951) e Marvin Harris (1964) defendem a ideia de que o preconceito racial pode ser entendido como uma característica cultural europeia surgida por razões históricas específicas. Inicialmente, o termo "raça" foi utilizado para diferenciar grupos sociais, como o clero e a burguesia. Contudo, com as transformações na sociedade europeia, novas concepções de raça emergiram, como as propostas pelo biólogo Carl Lineu (1707-1778).

De acordo com Trindade e Pinho (2023), Lineu baseava suas classificações em três características principais: a cor da pele como fator fundamental; a associação entre características físicas, elementos culturais e juízos morais; e, estabelecia uma hierarquia de valor entre as raças. Essa hierarquia já continha preconceitos que permanecem até os dias de hoje, como a noção de que determinadas raças seriam mais preguiçosas que outras.

3.2 Arte e cultura para uma educação emancipatória

Desse modo, é crucial prezar por uma educação que traga a consciência do processo de colonização e das consequências que ele trouxe para a sociedade atual, além disso, criar um espaço onde a educação se conecte com o mundo de maneira integral e com o processo de emancipação do indivíduo, trazendo, assim, novas atribuições ao espaço da educação olhando para as pluralidades de crenças e formas de vida.

A arte e a cultura são ferramentas para a inserção desses ideais em discussão em um processo de educação emancipatória. De acordo com a perspectiva gramsciana, embora cultura e arte, são fenômenos interdependentes, porém com funções distintas. Uma obra de arte que desempenha seu papel histórico é aquela que, ao abordar as contradições humanas, não aliena a consciência histórica. Por outro lado, a cultura representa uma categoria de transição no processo de formação da consciência (Gramsci, 1989).

Gramsci (1991) define a cultura como “o processo de produção de símbolos, de representações, de significados e, ao mesmo tempo, prática constituinte e constituída do/pelo tecido social”. Assim, a cultura não apenas reflete o meio social, mas também o molda, evidenciando seu papel como espaço de transformação e disputa ideológica. Desempenha um papel essencial como ferramenta social, indo além da produção artística ou da simples reprodução de costumes. Ela é também um espaço onde se manifestam processos de dominação e hegemonia.

Como destaca Marcellino (2024), a cultura inclui um “componente de persuasão – no sentido de impor os valores culturais e morais da classe dominante”, que exerce um papel fundamental na manutenção da hegemonia. Esse aspecto cultural está intrinsecamente ligado aos processos educativos, pois, segundo o autor, “a conquista da hegemonia cultural de um grupo social e sua manutenção é sobretudo uma questão pedagógica”.

Atualmente, a cultura é afetada pela lógica mercadológica, já que a sua existência não é estática e ela se relaciona com o meio social. E o meio social predominante é o mercadológico capitalista. Essa lógica assumida pela cultura, de acordo com o teórico Fredric Jameson (2006), faz parte de um fenômeno denominado capitalismo cultural.

Refletir sobre a arte, a cultura e a educação criada em meio ao capitalismo cultural implica compreender os deslocamentos simbólicos que têm alterado a percepção do papel da arte e do artista na sociedade. O que traz à luz a relevância de usar a arte e a cultura com intencionalidade de reproduzir saberes decoloniais e antirracistas. Entender a

intencionalidade do artista em sua obra é importante para que a obra tenha um poder de informar, transformar visões e emancipar pensamentos.

Nesse sentido, seria “emancipar” preparar o ser humano para viver sozinho, sem depender do outro para realizar tarefas ou fazer escolhas? Nesse contexto, não. A emancipação não se trata de resolver problemas sozinho, mas sim de se tornar um ser crítico que entenda seu lugar no mundo e respeite o lugar do outro, ao perceber as relações de dominação de um grupo para com outros.

Frigotto (2021) defende que a emancipação humana “se trata de um processo histórico em construção de superação de todas as formas de alienação, exploração e dominação de classe ou grupos sobre outros”. A educação crítica, fundamentada na liberdade e na autonomia, surge como um contraponto às formas tradicionais de ensino que, muitas vezes, reproduzem estruturas opressoras.

Oliveira, Fortunato e Abreu (2022) destacam que tanto Paulo Freire quanto Theodor Adorno convergem na defesa de uma educação emancipatória, que busca libertar o sujeito da condição de submissão e opressão. Segundo os autores, Freire aponta que “a libertação de todos só é viável pela superação da contradição opressores-oprimidos”, reafirmando a necessidade de transformar o educando em um agente ativo na construção de sua própria história (Oliveira; Fortunato; Abreu, 2022, p. 12). Adorno, por sua vez, ressalta que a educação deve romper com o modelo que apenas adapta o indivíduo ao *status quo*. Para ele, “a emancipação exige a demolição das estruturas vigentes”, permitindo que o sujeito desenvolva autonomia crítica e liberdade de pensamento (Oliveira; Fortunato; Abreu, 2022, p. 6). Ambos os pensadores defendem que a educação é um espaço de resistência e transformação, capaz de promover uma reflexão crítica que possibilite a ruptura com preconceitos sociais e a construção de novas formas de convivência.

Os autores também evidenciam que, para Adorno e Freire, a educação emancipatória é inseparável da ação crítica. Como afirmam Oliveira, Fortunato e Abreu (2022, p.11), “a emancipação requer o abandono da aceitação tácita do *status quo* e a construção de novas possibilidades de ser e existir, em diálogo com o outro e com o mundo”. Para os autores, Freire e Adorno compartilham a visão de que a educação não pode se limitar à transmissão de conteúdos, mas deve abrir caminhos para a autonomia e para a luta contra as opressões históricas.

Sendo assim, buscar uma educação emancipatória é buscar a não alienação dos indivíduos, assumir que a sociedade é mutável e pode se desenvolver com as convivências, divergências, contradições e tensões de culturas e costumes. É um contraponto à ideia

capitalista de alienação do ser humano, na qual a desigualdade social é justificada pelo modo como a sociedade funciona: “A concepção de ser humano que busca legitimar a desigualdade social e os processos de exploração e de alienação sob o capitalismo parte do pressuposto de uma natureza humana fixa e imutável” (Frigotto, 2021).

Nesse contexto, a classe dominante estabelece um ambiente hostil à concretização de uma educação emancipatória, ao impor padrões universais que devem ser seguidos. Sob o disfarce de uma suposta neutralidade do conhecimento, os intelectuais dessa classe, por meio de seus aparelhos de hegemonia, promovem como universais os saberes que expressam e reafirmam seus próprios interesses e perspectivas.

É diante da complexidade dos temas abordados que este trabalho busca evidenciar, por meio de manifestações culturais e artísticas e da perspectiva de seus criadores, como a arte, ao se conectar com técnicas e estéticas ancestrais fundamentadas em princípios antirracistas e decoloniais, pode atuar como uma poderosa ferramenta pedagógica. Nesse contexto, a arte desempenha um papel central na construção de processos de educação emancipatória, criando espaços de acolhimento e resistência. Esses espaços, por sua vez, oferecem oportunidades diversas para aqueles que foram historicamente silenciados, reafirmando a arte como um instrumento de transformação social e ampliação de possibilidades de vida.

4. FERRAMENTAS EMANCIPATÓRIAS

4.1 As origens e motivações dos movimentos

A capoeira pode ser definida como um jogo, uma brincadeira, uma luta ou uma filosofia de vida, sua prática possui as mais variadas finalidades e é perpassada por vários estímulos. Ela abrange musicalidade, historicidade, cultura e a corporalidade. Sua preservação durante todos esses anos é influenciada pela cultura da tradição oral, o que também diversifica as ideias sobre a sua origem.

Albano de Neves e Souza, citado por Adorno (1999), descreve a existência da dança da zebra N’golo em Luanda, uma festa da puberdade na cultura do reino do Ndongo no sul da Angola, concluindo que “O N’golo é a Capoeira” e que essa última seria uma evolução do N’golo no Brasil (p.25). Já Nestor Capoeira (2001, p.21) entende que esse jogo não existe nem é praticado em terras africanas”. A origem da capoeira é encontrada em diferentes versões, não se sabe ao certo quando ela começa a se organizar até se transformar naquilo que é conhecido hoje em dia. Entretanto, a maioria dos autores acredita que foi criada no Brasil pelos negros escravizados.

A modalidade tem uma mistura de luta com dança, durante o jogo de capoeira simula-se ataque e defesa. A ludicidade e a combatividade estão presentes, mas não se antagonizam (Reis, 2010, p. 87). O jogo é guiado aos sons dos atabaques onde se permanece vivo o culto aos Orixás e outras danças das quais se perdeu a memória. Mas, onde nasceu o jogo de capoeira? Adorno (1999, p.17) indica que “os movimentos de corpo dos africanos, gestos ancestrais preservados em suas danças, serviram de base para a elaboração de uma luta coletiva; afinal, os meneios de corpo, o jeito solto e ágil, servem perfeitamente tanto ao fascínio da dança quanto à magia da luta”.

Essa expressão já passou por vários tipos de repressão, como no Código Penal de 1890, em que previa de seis a dois meses de prisão aos praticantes dos exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem. Somente em 1934, Getúlio Vargas regulamenta a prática livre da capoeira e de outros cultos afro-brasileiros (Adorno, 1999; Capoeira, 2001; Silva, 2003). Na década de 1930, Mestre Bimba, reconhecido mestre de Capoeira Regional, cria a primeira academia em Salvador.

Assim, a capoeira se apresenta como um modo de manutenção da cultura africana e união entre negros de diferentes povos que sofriam e buscavam resistir à dor e à humilhação que lhes eram infligidas. Também como uma importante ferramenta para a preservação da memória da história do negro no Brasil (Cortez, 2008), uma resistência aos processos coloniais que ocorrem nos espaços, corpos e costumes marginalizados até os dias atuais.

A capoeira apresenta múltiplos aspectos, para Silva (2003), a capoeira não é apenas um fenômeno inacabado, mas muito provavelmente, um fenômeno infundável: seu processo de construção é contínuo, sempre em contato com o novo e adaptando-se a ele.

Por outro lado, a cultura *Ballroom* tem outras origens e motivações. Desde a década de 1960 surgiram lugares onde a cultura de drag queens e pessoas trans eram exaltadas, porém eram espaços racializados, ou seja, voltados somente para pessoas brancas. Nos anos 1970, Crystal Labeija² em Nova York, nos Estados Unidos, decidiu organizar um espaço para a difusão dessa cultura também para as pessoas negras e latinas. Assim teve início a cultura *Ballroom* tal qual é conhecida atualmente.

Santos (2018, p.10) define *Ballrooms* como “uma cultura LGBT baseada em práticas de performance, competições e estruturas de apoio social e emocional para seus membros”. Nas *Balls* surgem categorias de danças e competições, o *Vogue* é uma delas. A história do estilo de dança *Voguing* tem relação com a marginalização da comunidade negra, latina e

² Crystal Labeija: mulher trans, americana, drag queen que co-fundou a House of LaBeija em 1968.

LGBTQIAPN+. Segundo o blog Let's Events (2024), é uma dança de rua cujos passos são inspirados nas poses das modelos da revista de moda *Vogue*. Até o ano de 1962 nos Estados Unidos, a relação entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas crimes. Na prisão, o único entretenimento era justamente as revistas *Vogue*. Tornou-se uma diversão reproduzir as poses das modelos brancas. A evolução dessa brincadeira criou um estilo que na década de 1980 foi difundido para o grande público pela cantora Madonna por meio do seu single “Vogue”.

Dentro dessas comunidades ainda existem as “casas” que funcionam como uma família cuja liderança é feita por uma *mother* ou um *father*. Nos anos 80, durante o surto de HIV, as casas tiveram grande importância, pois acolhiam jovens que eram expulsos de casa por questões relacionadas a gênero e sexualidade. De acordo com entrevistas encontradas no trabalho de Silva (2022) pela UFPE, as casas se criam pela ânsia de criar laços afetivos com as pessoas que aprendiam sobre o *Voguing* e a cultura *Ballroom*.

No Brasil, as primeiras manifestações da *Ballroom* chegaram nos anos 2000, porém somente em 2011 a ideia de comunidade foi introduzida por meio da *House of HandsUp*, liderada pela *mother* Kona, em Brasília, depois disso outras casas foram criadas por todo o país (Let's Events, 2024).

A *Ballroom* vai muito além de um evento de entretenimento, onde os artistas fazem desfiles e apresentações, algumas delas dançando *Vogue*. É um lugar onde são alcançados espaços simbólicos que dizem sobre a necessidade de olhar para esses corpos e repensar o que são e como eles se constituem como seres.

E como esses mundos se encontraram e confluíram na criação da manifestação artística cultural “CapoeiraVogue”? De acordo com os relatos de Jhordan Lunarte - um dos diretores do Coletivo - a modalidade CapoeiraVogue surgiu de forma espontânea. No ano de 2020, por conta da pandemia de Covid-19, os três diretores do Coletivo, que ainda não existia na época, treinavam capoeira em uma praça na cidade de Campinas, São Paulo. Em um treino comum, duas lideranças da comunidade Ballroom - *mothers* de *houses*- Diameyka Odara e Mother Jackson, se interessaram pelo treino de capoeira e propuseram um intercâmbio dos movimentos da dança vogue e da capoeira.

O Coletivo conceitua a CapoeiraVogue como uma sugestão de como unir a sabedoria dos mestres mais velhos através da comunidade da capoeira e a tecnologia de transcender o gênero e o sistema através da comunidade *Ballroom*. E seu objetivo é “dar continuidade ao que foi iniciado pelos ancestrais na luta resistente decolonial e contracolonial, manifestando a construção de novas imagens para corpos desobedientes ao sistema, colocando em

protagonismo corpos dissidentes e recontando histórias” (Documento produzido pelo Coletivo, 2024)

A partir das pesquisas realizadas foi possível relacionar o ponto chave da importância da criação de Coletivos, pois esses tem a intenção de acolher, ressignificar papéis sociais e promover educação e aprendizagens para aqueles que não pertencem aos padrões sociais impostos. A capoeira que, em seu momento de criação surge como um espaço de refúgio para a população negra, passou por mudanças e, sofrendo influências da sociedade que vive em uma lógica cis, binária e racista, também se torna um dispositivo de discriminação de corpos e histórias, sendo assim, o espaço de um coletivo social como esse pesquisado tem força para a criação de espaços de pertencimento, resistência e de acolhimento.

4.2 O Coletivo e os artistas

Por meio de troca de saberes e movimentações, no aspecto dessas duas manifestações que criam espaços seguros e de criação de estruturas de proteção social para a resistência da população negra e marginalizada, o Coletivo Capoeira para Todes nasce de acordo com seus integrantes:

a partir um aquilombamento de ideias e das vivências corporais e artísticas que habitam nossos corpos. Unindo a cultura e os saberes ancestrais da capoeira. E da comunidade *Ballroom*, que transcende a prisão binária de gênero e a desidentificação com os padrões da sociedade. Colocando pessoas Trans e Travestis em lugar de poder, brilho e protagonismo. Criando estratégias de práticas sociais, reflexões e movimentos de reparação histórica. Reorganizando as imagens que estruturam o inconsciente Coletivo. (@Capoeiraparatodes, 2024)

Surge como resultado de um processo de aquilombamento de ideias e vivências. Souto (2021, p.141), com base nas formulações da historiadora Beatriz Nascimento³, conceitua esse processo nos seguintes termos: “aquilombar-se é o movimento de buscar o quilombo, formar o quilombo, tornar-se quilombo. Ou seja, aquilombar-se é o ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político”.

A missão do Coletivo é definida como um grito de liberdade e de celebração das existências atemporais. O Capoeira para Todes inspira pessoas dissidentes a se conectarem com suas histórias e ancestralidades, possibilitando a criação de novos sentidos de poder e pertencimento. Para indivíduos que já possuem privilégios, o Coletivo fomenta práticas e

³ A intelectual historiadora e militante do movimento negro Maria Beatriz Nascimento (1942-1995) expressa no documentário *Ori* a concepção de quilombo/kilombo, resgatando a continuidade histórica dos povos de origem banto no Brasil. O documentário completo está disponível em: <https://traduagindo.com/2022/03/10/ori-documentario-completo/>

movimentos de reparação histórico-social, estimulando uma visão de acolhimento e amor em relação às existências marginalizadas.

A direção do Coletivo é formada por três artistas que também compõem o grupo: Puma Camillê (@Capoeiratruste), uma pessoa trans não binária negra, Quântica (@euquantik), uma pessoa trans não binária branca e Diego Henrique (@Jhordan_lunarte), um homem cis negro. O diretor, entrevistado neste trabalho, Diego Henrique (Jhordan Lunarte) se apresenta como:

multiartista (Capoeirista, Acrobata, Dançarino, Diretor de movimento, Preparador Físico, Percussionista e Educador Social), e vêm desenvolvendo sua estética artística a partir das Tecnologias Afrodiasporicas CapoeiraVogue, sendo um dos desenvolvedores e precursores do estilo no Brasil. Vem construindo novas possibilidades de existência para corpos dissidentes e a partir de suas pesquisas e criações vindas das experiências adquiridas em suas vivências em mais de 13 anos dentro comunidade da Capoeira, com um método próprio e técnicas exclusivas (@Capoeiraparatos, 2024)

Figura 1: Coletivo Capoeira para Todes, 2024



Fonte: Capoeira para Todes, 2024, p.1

Figura 2: Jhordan Lunarte, 2024



Fonte: Instagram @CapoeiraparaTodes

Figura 3: Quântica, 2024



Fonte: Instagram @CapoeiraparaTodes

Figura 4: Pumma Camilê, 2024



Fonte: Instagram @CapoeiraparaTodes

Os diretores Puma Camillê, Jhordan Lunarte e Quântica, também atuam como mentores e facilitadores do processo educativo. As aulas têm como objetivo principal promover acessibilidade a informações e experiências para minorias politicamente sub-representadas e pessoas em situação de vulnerabilidade social. Por meio de ensinamentos transmitidos oralmente, integram saberes das comunidades *Ballroom* e da capoeira, ambas forjadas pela resistência de corpos negros e marcadas por cosmovisões afro-diaspóricas. Em suas redes sociais Puma Camillê publicou que as aulas:

são reconhecidas internacionalmente por conseguirem por meio da oralidade e corporalidade a possibilidade de todos os corpos terem a oportunidade de se reconectarem as sabedorias corporais e históricas entre a reconexão do universo da vogue e da capoeira (@Capoeiraparatodes, 2024).

O Coletivo conta com duas unidades de ensino, localizadas em Campinas/SP na Estação Cultura, e em São Paulo, na Praça Roosevelt. Esses espaços oferecem acesso gratuito e inclusivo, assegurando a participação de todas as pessoas, independentemente de suas condições sociais. Além disso, eles produzem uma apresentação nomeada “Mandinga do Futuro”, onde os artistas expõem estilos da cultura *Vogue* e da capoeira com instrumentos de

ambas, como músicas, movimentos corporais e vestimentas, usando a ancestralidade para discutir espaço e orgulho do povo negro e suas culturas.

Durante a produção deste trabalho, foi lançado um curso com aulas semanais, online e gratuitas, que proporcionou uma formação com tema “Ideias de aquilombamento, Capoeira e Ballroom”, com objetivo de integrar a comunidade e propor um intercâmbio de saberes entre os integrantes. Ademais, o Coletivo estreou no YouTube um minidocumentário⁴ em comemoração aos três anos de Coletivo Capoeira para Todes, mostrando os momentos de treinamento e convivência entre os integrantes e acentuando a forma orgânica de manutenção das tradições que são presentes tanto na capoeira quanto nas *Ballrooms*.

Assim, o Coletivo se apresenta como um espaço consciente de seu poder de transmissão cultural e educacional, ele se posiciona contra os mecanismos limitantes do sistema, promovendo a reorganização das representações no inconsciente coletivo em relação às pessoas dissidentes.

A capoeira, como elemento central, atua como uma ferramenta pedagógica que conecta os participantes à ancestralidade, resgatando saberes e ensinamentos de gerações passadas. Por meio dela, é possível aprender a honrar os mais velhos e a estabelecer relações sociais fundamentadas em respeito e coletividade. Paralelamente, a integração da comunidade *Ballroom* ao projeto traz uma perspectiva futurista de transcendência das normatividades binárias, conferindo destaque ao protagonismo de pessoas trans e travestis. Estas são vistas como as principais referências na subversão do sistema euro-cristão monoteísta, que historicamente legitima diversas formas de violência, especialmente contra minorias.

4.3 Confluindo ideias: Reescrevendo em vida histórias que estão escritas para a morte

Conforme indicado anteriormente, o contato inicial com a Capoeira Vogue ocorreu por meio de buscas realizadas no Instagram, onde foi identificado o perfil de um dos diretores do Coletivo Capoeira para Todes. A partir das conversas iniciais, surgiu o convite para ir à São Paulo, conhecer pessoalmente o Coletivo e vivenciar suas atividades.

As vivências nos eventos em São Paulo ocorreram no mês de agosto do ano de 2024, no III Encontro de Capoeiristas LGBTQIAPN+, onde durante todo o fim de semana foram organizadas rodas de capoeiras e apresentações que celebraram a importância do acolhimento dentro da comunidade da Capoeira.

⁴ Disponível em: <https://youtu.be/4x7GkGumuXO?si=RUwcl45DyBspuPJP>

Figura 5: Sarau do Capoeira para Todes em São Paulo, agosto de 2024



Fonte: Acervo pessoal, 2024

No primeiro dia aconteceu um sarau, iniciado com uma roda de capoeira guiada pela mestra Janja e pelos diretores do Coletivo Capoeira para Todes. A mestra Janja Araújo, grande representação da comunidade LGBTQIAPN+ dentro da capoeira deu início à roda com um discurso. Uma mulher lésbica, negra, professora universitária, mestra do grupo Nzinga de capoeira Angola. Ela foi responsável por abrir portas e acolher corpos que antes eram excluídos nos espaços de capoeira.

As apresentações deram espaço e visibilidade para corpos trans. Foi um momento em que as falas afirmavam a importância da ocupação dos espaços pelos corpos que são excluídos socialmente pelo processo de colonização e racialização. Durante o evento, os artistas relataram que a capoeira, pelos aspectos da manifestação corporal e ancestralidade, é um dispositivo que promove o acolhimento.

Figura 6: Roda de Capoeira



Fonte: Acervo pessoal, 2024

No segundo dia, no Serviço Social do Comércio (Sesc) Avenida Paulista, ocorreu a primeira *Ballroom* temática de capoeira, a Mandinga do Futuro KiKi Ball. O evento contou com imprevistos para acontecer, ocorreu um pico de energia na cidade de São Paulo que gerou um atraso de cerca de 2 horas para começar. Os ingressos que custavam R\$25,00 estavam esgotados e havia uma fila grande na porta do Sesc para quem não tinha comprado antecipadamente.

A energia voltou, mais ingressos foram vendidos e o evento iniciou, com categorias da *Ballroom* temáticas da capoeira. Entre as apresentações foram expostos discursos fortes sobre as motivações para tudo aquilo que estava sendo feito. Essas falas foram registradas e revisitadas para a escrita deste estudo, criando uma relação das experiências das pessoas que são atravessadas pelo trabalho do Coletivo Capoeira para Todes com a característica emancipatória dessa ferramenta.

Figura 7: Mandinga do Futuro KiKi Ball



Fonte: Acervo pessoal, 2024

O respeito à ancestralidade é característica fundamental nas duas comunidades: da capoeira e da *Ballroom*. Na capoeira, por exemplo, há uma hierarquia que deve ser respeitada, então a figura dos mestres é referência e os alunos respeitam e seguem os ensinamentos que são compartilhados. Na *Ballroom*, existem momentos que mostram também o respeito daqueles que vieram antes. No início do evento Mandinga do Futuro KiKi Ball, aconteceu um momento de apresentação dedicado aos “*legends*” que são aqueles que já estão há mais tempo participando desse movimento e abriram caminhos para quem chega depois.

Na entrevista realizada com Jhordan, ele coloca a ancestralidade como aspecto que fundamenta a prática e os saberes compartilhados em todos esses processos.

Eu percebo que a ancestralidade é uma das nossas maiores forças. A ancestralidade vai falar sobre a nossa história, que é algo que é nossa maior potência. A nossa história não se repete com a de ninguém, cada um tem sua particularidade, tem seu jeito, e a partir dessa conexão entre memória e ancestralidade a gente consegue encontrar um caminho de liberdade, fluidez e potência, então eu acredito muito na junção dessas duas coisas como um caminho de conseguir voltar para o passado pra ter liberdade nos seus próximos caminhos do futuro, caminhar para trás para conseguir se mover com fluidez para frente.” (Jhordan Lunarte, 2024)

A capoeira, como prática que resgata tradições afro-brasileiras, atua como um elo entre o passado e o presente, permitindo que os praticantes se conectem com suas raízes ancestrais. Resgatar aspectos ancestrais oferece uma perspectiva educacional, na qual o saber não está apenas no presente ou nas estruturas de poder contemporâneas, mas nas memórias e nos conhecimentos transmitidos pela oralidade, pelos costumes e pelas tradições por gerações de resistência. Como aponta Mbembe (2018), a valorização da ancestralidade é uma forma de desafiar a colonialidade do saber, pois recupera práticas, saberes e histórias que foram silenciadas pela lógica colonial.

Ao se fundamentar na ancestralidade, a educação emancipatória que surge no contexto do Coletivo não é apenas uma rejeição das estruturas coloniais de poder, mas também uma revalorização das memórias, dos saberes e das histórias que foram sistematicamente apagadas. Como afirma Walsh (2013), a educação decolonial deve ser uma prática que busca "decolonizar o pensamento", resgatando os saberes ancestrais e promovendo uma educação que liberte os sujeitos da opressão.

De acordo com as intencionalidades do Coletivo é possível perceber que esse é um espaço de aprendizagem decolonial que busca emancipar ideias e corpos. Por meio do movimento é possível se conectar com aqueles que vieram antes e produzir ferramentas que promovam um ambiente de aceitação.

A capoeira ensina a retornar à ancestralidade, honrá-la e aprender com as maestrias de mais idade a viver, criar e se relacionar com a sociedade. Tendo a capoeira como arma de resistência física, pedagógica, política e outras correntes de povos que contrapõem a colonização. (Fala na Ballroom em São Paulo, 2024)

Nas falas, também é possível perceber o uso de mecanismos como o Coletivo como uma forma de resistência e de acolhimento para aqueles que foram excluídos de um grupo social porque não seguem a lógica binária e capitalista instrumentalizada pela sociedade, nesse caso, pessoas que se identificam como LGBTQIAPN+ são excluídas de um lugar que, por sua vez, têm raízes em espaços de acolhimento para o povo negro.

Sendo assim, dentro do ambiente de capoeiragem, mantido pelo Coletivo, pensando corpos e vivências LGBTQIAPN+, é criada a possibilidade de “reescrever em vida histórias que foram programadas para a morte” como a frase dita por alguém durante o sarau. Freitas, Heidemann e Araújo (2022) defendem que um ambiente acolhedor em que são valorizadas as

diferentes formas de viver cria-se um espaço empenhado em uma educação que emancipa e liberta.

O diálogo entre indivíduos e grupos, assim como a valorização da pluralidade de formas de vida, são condições que precisam ser fomentadas em prol de uma educação comprometida com a liberdade, autonomia e emancipação definidas como construção histórica, social, político e cultural. Assim, torna-se necessário diagnosticar os interstícios e explorar os possíveis espaços a partir dos quais, nos diversos momentos históricos, é possível construir a emancipação. (Freitas; Heidemann; Araújo, 2022, p.17)

A existência de espaços acolhedores em ambientes educativos, especialmente para populações marginalizadas, como a comunidade LGBTQIAPN+, é essencial para promover uma educação emancipatória. Se sentir reconhecido e acolhido é um fator facilitador para o sucesso de um processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Freire (1996), a educação deve partir do reconhecimento das experiências e realidades dos educandos, valorizando suas histórias e trajetórias. Sendo assim, quando espaços educativos entendem as realidades e são capazes de respeitar e validar individualidades, tornam-se agentes de resistência contra estruturas opressivas, proporcionando uma educação crítica e libertadora.

Na realidade da capoeira e da cultura *Ballroom* o acolhimento se dá por meio de uma prática cultural que conecta corpo e mente, promovendo uma pedagogia que valoriza a expressão corporal e as vivências comunitárias.

Durante o evento no Sesc, a diretora Quântica fala sobre a subversão dos padrões

Tendo a capoeira como arma de resistência física, pedagógica, política e outras correntes de povos que contrapõem a colonização. A comunidade *Ballroom* manifesta a oportunidade transfuturista de subverter o padrão binário do mundo, sendo o corpo de pessoas trans e travestis as maiores referências de manifestações dessa libertação. Subvertendo a lógica capitalista para viver em glória neste sistema (Quântica, 2024)

A abordagem educativa nesses contextos possibilita que os indivíduos se reconheçam como atores no processo de aprendizagem e sejam capazes de reescrever suas histórias, transformando experiências de exclusão em processos de autoconhecimento e fortalecimento coletivo. Para hooks (2013), a educação como prática de liberdade precisa ser um espaço seguro onde vozes diversas possam ser ouvidas e respeitadas, permitindo que novos modos de vida e resistência floresçam.

Dessa maneira, o acolhimento se transforma em um ato político e pedagógico de reconstrução de trajetórias historicamente apagadas pela colonização e pela

heteronormatividade e o Coletivo surge como um refúgio para a produção culturais que valorizam as subjetividades.

Nessa perspectiva, o Coletivo que conflui as vivências de capoeiragem e da *Ballroom* se torna um espaço não apenas de resistência física, mas também de resistência epistêmica, onde os saberes ancestrais, em diálogo com as experiências LGBTQIAPN+, criam novas possibilidades de vida, arte, resistência e educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo apresentar as características da CapoeiraVogue e o que fazem com que essa manifestação cultural tenha características de um dispositivo pedagógico emancipatório na relação entre diferentes corpos e histórias. Durante a pesquisa bibliográfica foi possível compreender o sentido dos termos educação antirracista, educação decolonial que atravessam a ideia de uma educação emancipatória nos espaços coletivos. As vivências junto ao Coletivo Capoeira para Todes mostraram o cunho acolhedor e de resistência existente nesse espaço e deram luz a importância das ações coletivas para uma educação que promova a libertação de ideários discriminatórios e excludentes.

Reconhecer e tomar como inspiração os feitos e as intenções do Coletivo no campo da cultura popular e, por consequência, na prática social educativa faz parte de uma perspectiva dialética onde é possível fortalecer narrativas e promover atos de resistência para a população negra e a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente corpos trans. A confluência dos saberes nas práticas culturais tem a potência de resgate e de ampliação de perspectivas de mundo, promovendo a existência de espaços que respeitam os corpos e as memórias daqueles que são estrategicamente silenciados pela lógica colonial. Assim como se expressa Rufino (2016)

Em outras palavras, praticar estripulias no campo do saber configura-se como um exercício crítico que propõe o lançamento de diferentes perspectivas de mundo em uma dinâmica cruzada. Cada intersecção gerada nesses cruzamentos compreende-se como uma fronteira que ressalta a emergência de outros caminhos para a invenção e releitura de mundo” (Rufino, 2016, p.59)

Fazer uma releitura de mundo se torna fundamental em um processo de educação emancipatória, já que o que se apresenta é um modelo que exclui e oprime o diferente, como é possível perceber em diversas falas dos integrantes do Coletivo.

Em uma ânsia de proporcionar lugares educativos de resistência capazes de promover acolhimento, a existência de Coletivos como esse pesquisado é um respiro de vida e oportunidade para novas formas de educação.

Este trabalho revela que aspectos como a memória, o corpo, a cultura e a ancestralidade são mecanismos de decolonização do conhecimento que são capazes de promover uma prática docente antirracista, acolhedora e emancipatória. Uma vez que esses aspectos valorizam as identidades e as histórias. Ainda na manifestação cultural CapoeiraVogue se coloca como uma manifestação da libertação em uma sociedade que oprime o diferente, assim se mostrando uma ação política que é praticada em movimento.

A educação é transformadora quando se apresenta com a perspectiva de mudança de realidade. Pesquisar sobre as novas formas de fazer confluências de ideais, arte e cultura revelam a necessidade de se criar espaços educativos que integrem saberes tradicionais e contemporâneos, reforçando a educação como instrumento de transformação social e de ampliação de possibilidades para aqueles que, por tanto tempo, foram silenciados.

A ancestralidade, enquanto base epistemológica, oferece caminhos para desconstruir estruturas coloniais e construir uma educação antirracista, decolonial e acolhedora. Incorporar essas práticas ao campo educacional não é apenas uma estratégia de valorização cultural, mas também um ato político que contribui para a formação de uma sociedade mais justa e plural. Uma vez que corpos trans fazem parte da nossa sociedade é impossível não falar da presença trans na política, na literatura, nas artes plásticas, nos esportes e na capoeira.

Por fim, é importante destacar que este estudo abre caminhos para futuras investigações sobre a visibilidade trans em diferentes espaços sociais e culturais, ampliando o debate sobre a presença dessas identidades em práticas educativas e artísticas. Novas pesquisas podem explorar como a visibilidade trans contribui para a resignificação de territórios corporais, a construção de políticas públicas inclusivas e a ampliação do protagonismo em outros campos, como a literatura, as artes visuais, os esportes e outras manifestações culturais. Assim, aprofundar essa temática pode revelar novas perspectivas sobre a interseção entre ancestralidade, educação e resistência, fortalecendo o papel dos movimentos culturais na promoção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e plural.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 21 nov. 2024.
- CAPOEIRA PARA TODES. Documentário "**Capoeira Para Todes: Aniversário de 3 anos**". YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/4x7GkGumuXQ>. Acesso em: 18 jan. 2025.
- CAPOEIRA PARA TODES. @capoeiraparatodes. Instagram, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/capoeiraparatodes/>. Acesso em: 21 de mai. 2024.
- CORTEZ, Mirian Béccheri; BONOMO, Mariana; MENANDRO, Maria Cristina Smith; TRINDADE, Zeidi de Araújo. Luta, dança, filosofia de vida: a capoeira cantada pelos capoeiristas. **Psicologia América Latina**, México, n. 14, out. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 jul. 2024.
- ERÓTIKOS. Episódio 1 com Geni Nunes. **Podcast Eróticos**. São Paulo: Instituto Hilda Hilst, 23 out. 2023. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0k0R6YM15xNRXnRt0JXNR4?si=p7VcSzNQQiG8fazIfERgnw>>. Acesso em: 19 jun 2024.
- ESTEVAM, Aleson Lima Gomes. Ballbúrdia: o barulho do entre corpos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Organizacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32641/1/2021_AlesonLimaGomesEstevam_tcc.pdf.
- FLORENCIO ROZENDO, J.; DE LUNETTA E RODRIGUES GUERRA, A. A prática da capoeira como instrumento educacional: arte e cultura. *Revista OWL (OWL Journal)* - **Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 83–94, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7905515. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/14>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. 2002.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/MmkPXF5fCnqVP9MX75q6Rrd/?lang=pt>.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Emancipação humana. In: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (orgs.). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: EPSJV-Fiocruz; Expressão Popular, 2021. p. 383-388.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>.

HILLESHEIM, G. B. D. Ensino de arte e educação emancipatória face a arte contemporânea. **Revista VIS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**, v. 14, n. 2, p. 209–223, 2016. DOI: 10.26512/vis.v14i2.20194.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Lilian Cibils. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. GRAMSCI E A REVOLUÇÃO CULTURAL. **Reflexão, [S. l.]**, v. 8, n. 27, 2024. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/11803>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2018.

MORO, Cesar A.; CASTRO, Mirella M. **Daiara Tukano e as artes indígenas contemporâneas: demarcação, representatividade e resiliência**. *FDC*, v. 8, p. 3-31, 2023.

NOGUEIRA, Márcio André. **Capoeira e educação: reflexões sobre ancestralidade e emancipação**. São Paulo: Cortez, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. [S. l.], 2018.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

OLIVEIRA, Damião Bezerra; FORTUNATO, Izan Rodrigues de Souza; ABREU, Waldir Ferreira de. Aproximações entre Paulo Freire e Theodor Adorno em torno da educação emancipatória. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e239149, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248239149>.

SAIBA o que é ballroom e outras celebrações LGBTQIAPN+. Disponível em: <https://lets.events/blog/saiba-o-que-e-ballroom-e-outras-celebracoes-lgbtqiapn/#:~:text=Resumidamente%2C%20a%20cultura%20ballroom%20%C3%A9,sendo%20integrados%20%C3%A0%20cultura%20pop.\>>. Acesso em: 22 out. 2024.

SILVA, Isabelle Beatriz Lucena da. As implicações da dança Voguing na vida de corporeidades inseridas na cultura Ballroom Norte e Nordeste. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Dança) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/48540/11/TCC%20Isabelle%20Beatriz%20Lucena%20da%20Silva%20%281%29.pdf>.

SOUTO, Stéfane Silva de Souza. Aquilombamento: um referencial negro para uma gestão cultural insurgente. **Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade)** – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

TRINDADE, Josiney da Silva; PINHO, Vilma Aparecida de. Da racialização da Europa à racialização do mundo: a ideia de raça em questão. **Open Science Research X. v. 10**. Editora Científica Digital, 2023.

WYZYKOWSKI, Tamini; FRISON, Marli Dallagnol. Instrumentos pedagógicos e sua relação com o desenvolvimento humano e a constituição profissional na docência. **Eutomia, v. 1**, n. 27, p. 258-278, out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/247119>. Acesso em: 7 jan. 2025.

APÊNDICE: Roteiro de entrevista Semiestruturado

1. Como você se enxerga no mundo?
2. Qual a sua história com o Coletivo Capoeira para Todes?
3. Como você enxerga as propostas do Coletivo? No sentido de quais influências você entende que ela deixa?
4. Você entende que a ancestralidade e memórias são aspectos que educam? Como e por que?